

Plutarco

Obras Morais
No Banquete - I
Livros I-IV

TRADUÇÃO DO GREGO, INTRODUÇÃO E NOTAS DE

CARLOS DE JESUS
JOSÉ LUÍS BRANDÃO
MARTINHO SOARES
RODOLFO LOPES

COORDENAÇÃO
JOSÉ RIBEIRO FERREIRA

Volume integrado no projecto *Plutarco e os fundamentos da identidade europeia*, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

Investigador responsável pelo projecto: Delfim Ferreira Leão.

AUTOR: PLUTARCO

TÍTULO: *NO BANQUETE*

TRADUÇÃO DO GREGO, INTRODUÇÃO E NOTAS: CARLOS DE JESUS, JOSÉ LUÍS
BRANDÃO, MARTINHO SOARES, RODOLFO LOPES.

EDITOR: CENTRO DE ESTUDOS CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS

EDIÇÃO: 1ª/2008

CONCEPÇÃO GRÁFICA: RODOLFO LOPES, ÁLIA RODRIGUES

ILUSTRAÇÃO DA CAPA:

IMPRESSÃO:

SIMÕES & LINHARES, LDA.

AV. FERNANDO NAMORA, n.º 83 - LOJA 4

3000 COIMBRA

OBRA REALIZADA NO ÂMBITO DAS ACTIVIDADES DA UI&D

CENTRO DE ESTUDOS CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FACULDADE DE LETRAS

TEL.: 239 859 981 | FAX: 239 836 733

3000-447 COIMBRA

ISBN:

DEPÓSITO LEGAL: 282469/08

ÍNDICE

PREFÁCIO	7
INTRODUÇÃO GERAL	11
FRAGMENTOS: EDIÇÕES E RESPECTIVAS SIGLAS	27
<i>No BANQUETE</i>	
LIVRO I (Introdução, tradução e notas de Rodolfo Lopes)	
INTRODUÇÃO	33
TRADUÇÃO	41
LIVRO II (Introdução, tradução e notas de José Luís Brandão)	
INTRODUÇÃO	89
TRADUÇÃO	97
LIVRO III (Introdução, tradução e notas de Martinho Soares)	
INTRODUÇÃO	145
TRADUÇÃO	157
LIVRO IV (Introdução, tradução e notas de Carlos Jesus)	
INTRODUÇÃO	201
TRADUÇÃO	211
BIBLIOGRAFIA	253

NO BANQUETE

LIVRO III

INTRODUÇÃO

É sob o signo do poder desinibidor do vinho que Plutarco abre esta terceira série de conversas à mesa. O vinho impede o ignorante de esconder a sua ignorância, pois tem o poder de soltar a língua e de gerar momentos de convívio e de conhecimento mútuo entre os comensais. Segundo o nosso autor, os efeitos do vinho variam consoante a quantidade ingerida: os ligeiramente embriagados cantam, riem-se e dançam; os fortemente embriagados falam muito e dizem coisas que era melhor não dizer, pois o vinho é «loquaz e produtor de muitas conversas» (645A). Estes dois estados de embriaguez estão documentados em versos da *Odisseia*, mas a relação entre o vinho e a loquacidade é desencadeada antes por um episódio que tem como protagonistas Simónides e um estrangeiro. No proémio, Plutarco conta que um dia o sábio poeta grego, ao ver um homem calado durante um banquete - momento propício para a socialização - lhe diz: «homem, se és néscio, ages sabiamente; mas se és sábio, ages nesciamente» (644F).

O assunto volta a ser tema de conversa na questão 3, onde se procura a causa de as mulheres serem mais resistentes ao vinho do que os idosos; na questão 5, se o vinho é por natureza frio ou quente; na questão 7 discute-se a razão pela qual o vinho doce é menos embriagante; na questão 8 porque é que os fortemente embriagados ficam menos alterados do que os ligeiramente embriagados; e, finalmente, na questão 9 discorre-se sobre a proporção a adoptar na mistura do vinho com a água.

Sendo o tema principal de metade das questões, a sua hegemonia torna-se clara ao constatar-se que apenas na questão 10 não há referência alguma ao vinho. Este desbloqueador de conversa acaba por ser uma espécie de fio condutor desta série de diálogos à mesa, sendo alvo das considerações mais díspares.

A primeira questão dá-nos conta de uma discussão acerca da pertinência das coroas de flores nos banquetes. Sob este manto aparentemente fútil, escondem-se de facto meditações de teor filosófico sobre o prazer, a arte e a estética, e onde sobressaem duas correntes de pensamento antagónicas: uma mais austera, ligada à doutrina platónica e estoica, e outra mais hedonista, de acento epicurista. Amónio, para provocar a discussão, censura os floreados na música e nos arranjos florais e todo o tipo de prazer acessório ou dispensável; Erato, o anfitrião, defende para os sentidos a utilidade do deleite proveniente da cor e do aroma. O médico Trífon, querendo demonstrar a utilidade das flores em geral e nos banquetes em particular, intervém para advogar o poder terapêutico de algumas ervas e plantas e lembrar que Díónisos tem a reputação de ser um excelente médico, não só por ter descoberto o poder farmacológico do vinho, mas também da hera, a qual, por ser fria, anula o poder embriagante do suco das uvas, que é quente. É, justamente, este passo que vai dar matéria para as questões subsequentes, onde se disserta quer acerca de temperaturas quer acerca do vinho. Depois de corroborar com a etimologia as propriedades terapêuticas das plantas, Trífon encerra esta primeira discussão discorrendo

sobre os efeitos contrários das flores e do vinho. O calor exalado pelas flores quentes dilata os poros do corpo e facilita a evaporação da bebida, sendo um excelente antídoto contra a embriaguez. Mas as flores frias também cortam o seu efeito e aliviam as dores de cabeça; outras, ainda, provocam sono aos embriagados e anulam o efeito do álcool. O uso das coroas de flores nos banquetes, nomeadamente de rosas, fica assim justificado pelo seu poder refrescante contra a acção do poderoso néctar de Baco.

Dando continuidade à discussão, Amónio retoma a intervenção de Trífon e contesta a qualidade fria da hera bem como o seu poder mitigador dos efeitos do vinho. A conversa prossegue agora em torno da temperatura da planta e do motivo da sua utilização por Diónisos. Depois de uma intervenção fugaz na primeira questão, Plutarco assume agora maior protagonismo para rebater um a um os argumentos invocados por Amónio para provar que a hera é uma planta extremamente quente. Ambos tentam conferir validade e credibilidade científica à sua argumentação recorrendo aos estudos de autoridades como Teofrasto e Empédocles e à experiência adquirida na observação de fenómenos naturais. Mas também Aristóteles é frequentemente mencionado ao longo deste terceiro livro.

A terceira questão parte exactamente de uma citação retirada do seu tratado *Acerca da embriaguez*, onde escreveu que os velhos são mais facilmente surpreendidos pela embriaguez do que as mulheres. Floro admira-se que o Estagirita tenha feito tal afirmação sem

ter exposto a causa, por isso Sila apresenta como explicação as características morfológicas opostas de ambos. Tal como Plutarco, na questão anterior, fechara a sua exposição com um dito anedótico acerca da razão pela qual a hera se recusara a adaptar aos terrenos e ao clima dos bárbaros, também Sila conclui com uma observação jocosa: «nada mais parecido com um velho do que um jovem embriagado» (650E).

Na questão 4, Apolónides, Atriito e Floro comentam a argumentação de Sila, reintroduzindo o tema da temperatura, desta feita não da hera mas do sexo feminino. Apolónides diz que faltou a Sila referir a frieza física das mulheres, por causa da qual o vinho, que é quente, se dissipa e perde a sua força. Atriito - deixando para Plutarco a explicação sobre a temperatura do vinho – discorda, porque acha que as mulheres são quentes por natureza e o vinho não é quente, mas frio. E justifica-se com um conjunto de argumentos e exemplos tirados da boca de especialistas anónimos, versados em somatologia feminina, ocasionando um momento de grande comicidade, devido ao carácter anedótico, insólito e até ridículo das explicações, sobretudo, aos olhos de leitores do século XXI. Porém, momentos de humor inocente como este acabam por se tornar comuns nesta obra, e devem-se ao carácter fantasioso e ingénuo da maioria das explicações que, por falta de meios técnicos e de conhecimentos científicos, se apoiam no senso comum e na observação superficial e quotidiana dos fenómenos.

Ainda na sequência desta discussão, Plutarco é convidado a justificar a sua convicção de que o vinho

é mais frio do que quente. O autor diz que essa não é uma ideia sua, mas de Aristóteles e de Epicuro. Perante a insistência de Floro, Plutarco improvisa uma longa resposta com base em exemplos e comparações, que visam provar que o vinho é frio por natureza. De todo este arrazoado ressalve-se, a título de gracejo, o corolário de que os que bebem vinho puro em excesso são mais frouxos nas relações sexuais, pois o frio da bebida enfraquece a ejaculação e corrompe o seu esperma (652D sqq.).

A questão 6 inaugura uma discussão sem continuidade espaço-temporal nem temática com as anteriores. Fala-se sobre o momento mais conveniente para o coito. O tema promete e o diálogo não defrauda as expectativas. Inicialmente, o problema prende-se com o local e a ocasião mais correcta para se falar de tais matérias e só depois se equaciona se o momento mais oportuno para as relações sexuais é antes ou depois da refeição. A fazer fé em Epicuro, o sexo misturado com vinho pode ser muito prejudicial à saúde. Mas o acto sexual também não vai bem de barriga cheia, porque pode provocar congestão. Posto isto, aconselha o epicurista e o médico, pela boca de Zópiro, que se pratique o acto sexual com segurança, ou seja, depois da digestão feita. Outra possibilidade, talvez de todas a mais segura, é a sugerida pelo pitagórico Clínias pela boca de Olimpo: a abstinência. Terminadas as intervenções dos castos, Sóclaro toma a palavra para defender os partidários de Afrodite. Segundo este, a melhor altura para o acto sexual é à noite, porque distrai e adormece o instinto natural, uma vez que a falta de visão não permite que se

intensifique a libido. Também não encontra razões que impeçam a relação sexual depois do jantar, desde que não se esteja embriagado ou empanturrado de comida. O que é de todo desaconselhável e perigoso é fazê-lo durante o dia, interrompendo a actividade profissional, pois é demasiado violento para o corpo juntar ao cansaço e às preocupações do trabalho também as do coito, o que pode provocar uma quebra de rendimento. No caso de Epicuro, entende-se que isso não seja uma preocupação, pois o filósofo tinha uma vida muito repousada e isenta de fadigas.

A questão 7 também não apresenta ligação espaço-temporal com as anteriores; porém volta ao tema do vinho, desta feita com o intuito de se averiguar a razão pela qual o vinho doce, comumente designado de mosto, embriaga menos que o vinho fermentado. A cena decorre em casa do pai de Plutarco durante a festa da abertura das talhas. O desafio é colocado pelo pai de Plutarco aos jovens que estudavam filosofia com o filho. Hagias relembrou os presentes que tudo o que é doce é enjoativo e não é necessariamente agradável, logo, é consumido em menor quantidade. O vinho torna-se agradável quando amadurece e ganha um sabor acre. Aristéneto de Niceia atribui à doçura do mosto a responsabilidade do facto de não embriagar. Plutarco, mesmo elogiando a originalidade destas explicações, não ficou muito satisfeito e, convencido de que a resposta correcta estava nos escritos de Aristóteles, cita uma complexa teoria de roupage m mais científica do que as anteriores, mas bem mais confusa e fantasiosa.

O pai de Plutarco, introduzindo uma nova questão, pede aos convivas que deixem Aristóteles de parte e reflitam acerca do motivo pelo qual os fortemente embriagados ficam menos alterados do que os ligeiramente embriagados ou “tocados”. Plutarco é o único a responder. Começa por dizer que a explicação de Aristóteles para este problema lhe parece satisfatória, mas já que se pede uma resposta pessoal e original, ele acha que tal diferença provém de questões somáticas: nos “tocados” pelo vinho, só a mente é afectada mas o corpo ainda responde; nos muito embriagados, o corpo sucumbe e deixa de reagir. À imagem do que tinha acontecido em questões anteriores, também aqui Plutarco tenta justificar, de modo muito pouco científico, o comportamento ou a acção de uma substância – neste caso o vinho – comparando-a com o comportamento de outras substâncias e fenómenos da natureza: o fogo e a argila, as febres na primavera, o eléboro, os soporíferos e até o efeito da música sobre o espírito humano.

A conversa prossegue agora em termos matemáticos, mas o vinho continua a ser o motivo: qual a melhor proporção na mistura do vinho com a água. As quantidades variam como os acordes musicais. Algumas proporções são mais recomendáveis do que outras; o que importa é atinar com a medida correcta para não desafinar.

A última questão versa sobre um tema bem diferente. Trata-se de encontrar uma explicação para o facto de a carne apodrecer mais rapidamente sob o efeito da lua que sob o efeito do sol. O tema surge a propósito

de um jantar cujo prato principal é javali. O anfitrião conta aos seus convidados que um outro javali de maiores proporções do que o servido se deteriorou, quando era transportado, sob o efeito do luar, facto que o tinha deixado perplexo. Plutarco numa longa e elaborada resposta explica que a luz da lua humedece e amolece todas as matérias orgânicas que a absorvem. Para explicar a Sátiro e aos outros comensais a razão pela qual os caçadores espetam um prego nas peças de caça de modo a evitar a sua putrefacção enquanto são transportadas, Plutarco encerra a conversa e este livro a falar do poder terapêutico e adstringente do bronze.

O reportório de assuntos abordados nesta terceira série de questões não é, como pudemos ver, muito variado, havendo alguma uniformidade não só nos temas, mas, principalmente, no tipo de abordagem, que podemos situar no âmbito das ciências naturais e da medicina. Apesar de haver algumas questões em que predomina o monólogo, com respostas muito longas e detalhadas, todas elas contêm diálogos, ainda que breves ou, por vezes, em discurso indirecto. Podemos também constatar que Plutarco, tal como Sócrates no *Banquete* de Platão, tem a última palavra em todas as conversas – excepto na 9 - onde intervém (2., 5., 7., 8., 10.); palavra esta que pretende ser a mais esclarecida e original, a definitiva, a palavra do filósofo. Segundo Fr. Martín Garcia,¹ o seu propósito parece ser o de desmascarar o saber vulgar, o cientismo em voga na escola epicurista, o pedantismo e a falsa erudição, resultante da memorização dos livros

¹ Fr. Martín Garcia 1987: 18.

e não do pensamento original e inventivo. A tentativa forçada de fazer corresponder os traços semânticos das palavras a características dos objectos por elas designados é bem uma marca da postura essencialista de Plutarco, que se esforça nesta e noutras questões por imitar e prestar homenagem às doutrinas do seu mestre Platão.² Esta descrença na arbitrariedade e na convencionalidade da linguagem explica a abundância de explicações etimológicas fantasiosas.

Em tudo o mais, este livro, tal como os restantes, não tendo qualquer relevância científica nem sendo uma referência literária por excelência, acaba por ser um bom testemunho do seu tempo, do género simposíaco e do espírito agónico e convivial dos gregos e dos romanos.

Martinho Soares

² Vide Idem, 19.

LIVRO III

PROÉMIO

644E

O poeta Simónides, meu caro Sóssio Senecião, ao ver um estrangeiro reclinado, em silêncio, durante um banquete e sem conversar com ninguém, disse-lhe: «homem, se és néscio, ages sabiamente; mas se és sábio, ages nesciamente». Pois «a ignorância», como diz Heraclito¹, «é melhor ocultá-la», tarefa difícil no relaxamento e com o vinho,

F

que leva até o homem sério a cantar
fá-lo rir de forma terna e levantar-se para dançar,
e incita-o a proferir palavras que seria melhor ficarem por
[dizer.²

645A

Neste passo, o poeta mostrou, segundo me parece, a diferença entre estar alegre e estar verdadeiramente embriagado. De facto, o canto, o riso e a dança aplicam-se aos que beberam moderadamente. O tagarelar

¹ Fr. 95, citado também em Plutarco, *Moralia* 43 D, 439 D.

² Homero, *Odisseia* XIV 464 ss.

e o dizer coisas que era melhor calar são obra dos excessos da bebida e da embriaguez.³ Por isso, Platão⁴ crê que é sob o efeito do vinho que melhor se observa o carácter de muitos homens; e Homero, ao dizer que

...nem à mesa
travaram mútuo conhecimento,⁵

B mostra, evidentemente, que sabia o quanto o vinho é loquaz e produtor de muitas conversas. De facto, não é possível conhecer os que comem e bebem em silêncio. Mas, porque o beber induz o tagarelar e na tagarelice se descobre e põe a nu muitas coisas que de outro modo ficariam escondidas, o beber em conjunto proporciona o conhecimento mútuo. De modo que não seria mal censurar Esopo: «Porque buscas, caro amigo, aquelas janelas, através das quais um homem poderá observar os pensamentos do outro? Pois o vinho descobre-nos e revela-nos, não nos deixa ficar em silêncio; pelo contrário, retira-nos o disfarce e a compostura, afastando-nos da norma como a criança do pedagogo». Assim, C Esopo ou Platão ou quem tenha necessidade de examinar o carácter de alguém sirva-se para isso do vinho. Os que, pelo contrário, não procuram saber nem desvendar nada dos outros, mas tão somente relacionar-se afavelmente, os encontros levam-nos a questões e a conversas de outro tipo, em que ficam ocultas as imperfeições

³ A propósito desta diferença estabelecida pelos estóicos, vide von Arnim, fr. 644 e 713 e Plutarco, *Moralia* 503E-F.

⁴ *Leis* 649d ss.

⁵ Homero, *Odisseia* XXI 35.

da alma, se reaviva o que é melhor e mais harmonioso, como se fossem levados pela erudição para familiares pradarias e pastagens.⁶ Assim, compusemos para ti esta terceira dezena de questões acerca do convívio à mesa, sendo a primeira sobre coroas de flores.

QUESTÃO 1

Se se deve usar coroas de flores num banquete.

D

Intervenientes: Amónio, Plutarco, Erato e Trífon

1. Em certa ocasião, surgiu uma discussão acerca de coroas de flores. Foi durante um banquete em Atenas, quando o hábil músico Erato, depois de um sacrifício em honra das Musas, recebia à mesa um grande número de convidados. Após o jantar, distribuíram-se coroas de todos os tipos, e Amónio⁷ troçou de nós por nos termos coroados com rosas em vez de louro;⁸ por serem flores pueris, mais apropriadas para as brincadeiras das rapariguinhas e das senhoras do que para um convívio de homens sábios e cultos. “Admira-me aqui o nosso amigo Erato que tem horror aos semitons nos cânticos e critica o belo Ágaton - que, segundo dizem, foi o primeiro a introduzir e a misturar na tragédia música cromática, quando representou os *Mísios* - e agora, como vedes, o próprio enche o nosso banquete de várias cores e flores; ou seja, a languidez e a lascívia que recusa aos nossos

E

⁶ Platão, *Fedro* 248b.

⁷ Amónio era um professor ateniense da escola platónica e foi mestre de Plutarco.

⁸ A coroa de rosas era consagrada a Diónisos e a de louro a Apolo.

ouvidos, introdu-la ele na nossa alma pelos olhos, pelo nariz ou por quaisquer outras portas e faz-nos uma coroa por prazer, não por piedade. Sem dúvida que o perfume dela⁹ espalha uma fragrância mais preciosa que o das flores, que se perde nas mãos dos que as entrelaçam. Não há, pois, lugar num banquete de homens sábios para o prazer que não se ligue a alguma necessidade e não seja acompanhado pelo princípio do desejo natural. Do mesmo modo que os levados a um jantar pelos amigos convidados encontram trato igual, graças às normas de cortesia, como sucedeu com Aristodemo, levado por Sócrates a casa de Ágaton,¹⁰ quando este ofereceu um

646A jantar, enquanto, se alguém vier por iniciativa própria, deve fechar-se-lhe a porta, assim também os prazeres da comida e da bebida, porque convidados pela natureza e chamados pelo apetite, têm um lugar, mas para os outros prazeres que não são convidados e são irracionais não há lugar”.

2. Face a estas palavras, os jovens não acostumados a Amónio, desconcertados pelo seu discurso, tranquilamente deslaçaram as suas coroas. Mas eu, sabendo que Amónio introduziu no meio de nós o assunto para exercício e provocação, voltei-me para Trífon, o médico, e disse-lhe: “Meu caro, é justo que ou deponhas connosco «a coroa resplandecente de cálices de rosa», ou que nos digas, como estás acostumado a fazer em qualquer circunstância, de quantos modos as coroas de flores nos ajudam a beber”. Mas Erato, interrompeu e

B

⁹ Esta metáfora é empregada por Aristófanes nas *Vespas* 1050 ss., referindo-se à virtude.

¹⁰ Facto narrado em Platão, *Banquete* 174a ss.

disse: “Acaso foi decretado recusar qualquer prazer que seja inútil, e ficar descontente com os contentamentos, se não sentirmos neles proveito algum? O perfume e a púrpura, naturalmente, por causa do seu excessivo fausto, causam-nos aversão, como se fossem vestidos e perfumes falsos - para usar uma expressão estrangeira¹¹ —, mas não possuem simplicidade e pureza as cores e os aromas da natureza, em nada diferindo de um fruto? De facto, não é ridículo recolher e desfrutar os sabores que a natureza nos dá e desprezar as cores e os aromas que as estações produzem, por causa do prazer e do encanto que florescem nelas, se não oferecerem outro proveito externo que não esse. Pois eu, pelo contrário, acredito que se a natureza não criou nada em vão, como vós continuamente afirmais,¹² gerou estas coisas por amor do prazer, não tendo nenhuma outra utilidade que não deleitar. Observa que as folhas crescem nas árvores para protegerem o seu fruto e temperadamente suportarem o calor e o frio que advêm das mudanças do clima, e que não há qualquer utilidade na permanência das flores, salvo se, ao servirmo-nos delas, nos oferecem algo agradável ao olfacto e encantador para a vista, já que exalam um admirável perfume e exibem uma paleta inigualável de cores e tonalidades. Por conseguinte, quando se arrancam as folhas é como se as plantas sofressem uma dor e uma mordedura, produz-se nelas um dano de ferida e

C

D

¹¹ Alusão às respostas depreciativas do rei dos Etíopes aos falsos embaixadores de Cambises, cuja verdadeira missão era a de espiar, de acordo com Heródoto, *Histórias* III, 22.

¹² Teoria da finalidade da Natureza, defendida por Platão, Aristóteles e Teofrasto.

uma indigna nudez – e não se deve somente, como me parece deduzir-se das palavras de Empédocles, «manter em absoluto as folhas de loureiro»,¹³ mas também respeitar todas as outras árvores e não se enfeitar com os seus adornos, extirpando com violência as suas folhas contra a vontade da natureza. Já a colheita de flores é como as vindimas, não causa dano algum, antes pelo contrário, se não forem colhidas no devido momento, murcham e caem. Tal como os bárbaros se cobriam com as peles dos animais em vez de lã, assim também os que entretecem coroas com folhas em vez de flores parecem-me servir-se das plantas de forma insensata. Este é certamente o meu contributo às floristas. Não sou, efectivamente, erudito ao ponto de me lembrar dos poemas nos quais lemos que os antigos vencedores dos jogos sagrados eram premiados com coroas de flores; mas, pelo menos, que a coroa de rosas era dedicada às Musas creio lembrar-me a partir do que disse Safo a uma mulher inculta e ignorante:

F Morta jazerás,
 pois não tiveste parte nas rosas
 da Piéria¹⁴

Mas se Trífon nos quiser dar algum testemunho como médico, ouçamo-lo.”

3. Perante isto, Trífon tomou a palavra e disse que os antigos não descuraram nenhum destas questões, uma vez que a maior parte da sua medicina dependia das

¹³ Fr. 140 D-K.

¹⁴ Fr. 155 Lobel-Page.

plantas: “Prova disso são as primícias que ainda hoje os 647A
Tírios trazem ao Agenórída e os Magnésios a Quíron,¹⁵
os primeiros que segundo se conta exerceram medicina:
são raízes medicinais e ervas, com as quais tratavam os
doentes. Também Diónisos foi considerado um excelen-
te médico, não só por ter descoberto o vinho, fármaco
assaz poderoso e agradável, mas também por ter confe-
rido reputação à hera, que tem a acção mais contraposta
ao vinho, e por ter ensinado aos que celebram Baco a
coroarem-se com ela para sofrerem menos os efeitos do
vinho, pela frescura da hera que anula a embriaguez.
Além do mais, algumas denominações demonstram o
interesse dos antigos por estas matérias: a nogueira [*ka-
rua*] foi assim chamada porque propala um bafo pesado B
e soporífero [*karotikon*],¹⁶ que aflige os que se deitam
debaixo dela; e o narciso [*narkissos*] porque aplaca os
nervos, ao provocar um pesado entorpecimento [*narko-
des*]; por isso Sófocles lhe chamou «a antiga coroa das
grandes deidades»,¹⁷ isto é, das deusas Ctónicas. Diz-se
igualmente que a arruda [*peganon*] foi assim chamada
devido à sua propriedade: coagula [*pegnusi*]¹⁸ o esper-
ma com a secura do seu calor, e é altamente prejudicial
para as mulheres grávidas. Todavia, os que pensam que
a erva ametista e a pedra preciosa com o mesmo nome
são assim chamadas porque ajudam a curar a embriaguez
enganam-se; na verdade, cada uma delas é assim C

¹⁵ Agenórída é o filho de Agenor, rei da Síria e filho de Posídon, e Quíron é o mitológico centauro que educou Aquiles.

¹⁶ Esta etimologia não é correcta.

¹⁷ *Édipo em Colono* 683.

¹⁸ Etimologia duvidosa.

chamada por causa da coloração: a sua folha não é da cor do vinho puro mas assemelha-se antes a uma mistura leve de água com vinho. Efectivamente, é possível descobrir muitas outras plantas cujos nomes lhes foram fornecidos pelas suas propriedades; porém, bastam estas para dar uma ideia do estudo e da experiência dos antigos, de que se valeram na escolha de coroas para os banquetes. O vinho puro especialmente, quando sobe à cabeça e separa os corpos do controlo dos sentidos, deixa o homem perturbado. Os eflúvios de flores são um auxílio admirável contra este tipo de situação, protegem a cabeça da embriaguez como as muralhas protegem a acrópole: as flores quentes relaxam lentamente os poros, dando canais de evaporação ao vinho; e todas as que são ligeiramente frescas, ao aflorarem levemente o vinho, retêm a sua exalação, como a coroa de rosas e de violetas, pois ambas, com o seu perfume, restringem e reduzem as dores de cabeça. A flor de Chipre, o açafraão e o nardo induzem um sono tranquilo nos bebedores; pois emitem uma fragrância agradável e benéfica que dissolve calmamente as anomalias e as agitações do corpo dos embriagados, de modo que, depois de reposta a calma, atenua e anula o efeito do vinho. Os odores de algumas flores, ao difundirem-se para o alto até ao cérebro, limpam os canais sensitivos e com o seu calor calmamente espargem e dissolvem as humidades sem dor nem agitação, e o cérebro, que é frio por natureza, aquece. Por isso, particularmente as flores que eram colocadas à volta do pescoço eram designadas de “hypothyridas”¹⁹

¹⁹ À letra, o termo significa “sob o coração”; o termo que surge

e ungia-se o peito com o seu perfume. Alceu testemunha-o ao pedir «derrama deste perfume sobre a minha cabeça que tanto sofreu e sobre este encanecido peito».²⁰ Deste modo, os perfumes capturados pelo olfacto sob o efeito do calor, dirigem os seus dardos para o cérebro. E é um facto que não chamavam “hypothymidas” às coroas que se colocavam em torno do pescoço por julgarem que o espírito acampa no coração (assim sendo, seria mais conveniente chamar-lhes “epithymidas”), mas, como digo, chamavam-lhes assim devido à sua emanação e fumigação [*hypothymiasin*]. Não nos espantemos, pois, que as exalações das coroas tenham tanto poder; na verdade, conta-se que inclusivamente a sombra do teixo provoca a morte dos homens que adormecem sob ele, sobretudo quando está cheio de seiva por causa da floração. E acontece aos que extraem o suco da papoila desmaiarem se não evitarem as exalações que dela dimanam; e os que somente tenham pegado com as mãos na planta chamada amieiro e outros até que apenas tenham olhado para ela livram-se dos soluços; e diz-se que, se for plantada perto dos currais, é boa para as cabras e para as ovelhas. Quanto à rosa, tem seguramente este nome porque emite um intenso eflúvio [*rheuma*]²¹ de perfume; é por isso que murcha muito depressa. E não é ilógico que a rosa seja refrescante em acção e ardente em aspecto; o suave calor expulso pela sua frescura interna assoma-lhe à superfície.”

F

648A

mais abaixo, “epithymidas”, significa, literalmente, “à volta do coração”.

²⁰ Fr. 50 Lobel-Page.

²¹ Etimologia incorrecta.

QUESTÃO 2

B *Sobre se a hera é fria ou quente por natureza.*

Intervenientes: Plutarco, Amónio, Erato, Trífon.

1. Perante os nossos elogios a Trífon, Amónio, com um sorriso, declarou que não seria justo destruir com argumentos contrários um discurso assim matizado e florido como uma grinalda. “Só não compreendo como foi a hera relacionada com o frio e adquiriu a reputação de mitigar os efeitos do vinho; pois é uma planta abrasadora, muitíssimo quente e o seu fruto, misturado com vinho, inflama-o e torna-o ainda mais embriagante e perturbador. E dizem que os seus ramos quando são arrancados retorcem-se como lenha no fogo. Por outro lado, a neve que permanece vários dias seguidos sobre outras plantas, rapidamente se dissolve na hera, além do mais, à sua volta subitamente se funde por inteiro e desaparece sob a acção do seu calor.

C

Mas o mais interessante é narrado por Teofrasto:²² quando Alexandre ordenou a Harpalo²³ que plantasse árvores gregas nos jardins da Babilónia e sobretudo que misturasse árvores de folha larga e frondosa com as plantas daí – uma vez que eram locais tórridos e assolados pelo calor –, aquele solo só não admitiu a hera; apesar de Harpalo muito se ter esforçado e trabalhado, a hera secava e morria, porque, sendo ela própria quente, foi posta num solo também quente que não aceitou a combinação e rejeitou-a. Na verdade, os excessos destroem

D

²² *Da origem das plantas* IV 4, 1.

²³ Harpalo era governador da Babilónia.

as capacidades; é por isso que estas tendem preferencialmente para os seus opostos, que o frio é amigo do quente e o quente é amigo do frio. Daí que os locais montanhosos, expostos ao vento e à neve, criem árvores resinosas e produtoras de pez, sobretudo pinheiros e abetos.

Tirando isto, meu caro Trífon, as muito sensíveis ao gelo e ao frio perdem as suas folhas, porque possuem uma pequena e débil porção de calor que vai diminuindo até abandonar totalmente a árvore. Ao contrário, a propriedade oleosa e quente da oliveira, do loureiro e do cipreste como da hera ajuda-os a manterem-se sempre verdes. Assim, o nosso muito querido Diónisos não introduziu a hera como defesa contra a embriaguez ou como inimiga do vinho, ele que chamou ao vinho puro 'embriagante' e a si próprio 'o deus da embriaguez'; antes me parece que do mesmo modo que os amantes do vinho, se não o têm da vinha, recorrem à cevada e às maçãs e outros fazem vinho com tâmaras, assim também o deus, quando na estação do Inverno deseja com ardor uma coroa feita com folhas da videira e a vê nua e sem folhas, contenta-se com a semelhança oferecida pela hera. E, de facto, a própria sinuosidade do caule que vacila no seu caminho, a delicadez das folhas e a forma desordenada como brotam, e, acima de tudo, o próprio racimo parecido com uvas verdes, apertadas e enegrecidas, imita bem o aspecto da videira. Além do mais, se a hera ajudasse contra a embriaguez, diríamos que ela faz isso ou dilatando com o calor os poros do corpo ou ajudando a absorver o vinho - para que também

E

F

Diónisos mantenha, para teu gáudio, meu caro Trífon, o seu título de médico”.

2. Perante estas palavras, Trífon permanecia calado, pensando como havia de lhe replicar. Então Erato, exortando cada um de nós, os jovens, solicitava que defendêssemos Trífon ou depuséssemos as coroas; Amónio disse que nos dava um salvo-conduto, pois não contradiria o que disséssemos. Assim, uma vez que também Trífon nos encorajava a falar, eu disse que a demonstração de que a hera é fria não era obra minha, mas de Trífon; pois ele a usa muitas vezes quer como refrescante quer como adstringente. “Mas a afirmação - continuei eu – de que a hera misturada com vinho embriaga não é verdade; e que não se pode chamar embriaguez ao efeito que ela produz nos que bebem, mas antes perturbação e delírio, tal como faz o meimendro e muitas outras plantas que alteram o estado psíquico da mente. Por outro lado, a contorção do caule não está bem explicada, pois esses efeitos antinaturais não provêm de poderes naturais; também a madeira se contorce quando o fogo extrai dela, violentamente, a seiva, reduzindo-a a curvas e empenas; já o calor natural, pelo contrário, tende a desenvolvê-la e a alimentá-la. Considera se a sinuosidade e pendência da hera não provêm, antes de mais, de alguma debilidade e frieza do corpo, que se depara com imensos obstáculos e resistências, como viajante que por causa do cansaço muitas vezes se senta no chão e depois se põe de novo em marcha. Por isso, precisa de um suporte à volta do qual se enrola, por ser incapaz de se erguer e guiar a si própria por causa da falta do calor cuja

capacidade é elevar. A neve escorre e derrete-se por causa da humidade da sua folha; efectivamente, a água desfaz e corta a sua consistência, por ser uma aglomeração de minúsculas e abundantes gotas de água; eis porque as neves não se fundem menos em locais muito húmidos e frios do que em locais expostos ao sol. A hera é sempre verde e – como diz Empédocles – ‘foli-perene’²⁴ mas isso não se deve ao calor; nem a queda da folha se deve ao frio. Pelo menos o mirto e o adianto, que não pertencem ao grupo das plantas quentes mas ao das frias, estão sempre verdes. Alguns pensam mesmo que a folhagem se mantém devido à homogeneidade de temperatura; Empédocles, além desta, acrescenta como causa uma certa simetria dos poros, que permitem a passagem ordenada e uniforme do alimento, para que este afluja em quantidade suficiente. O mesmo não é possível para as árvores de folha caduca, porque os seus poros são largos em cima e estreitos em baixo, logo, não permitem a passagem suficiente de alimento e não conservam mas perdem o pouco que receberam, como em certos canais não uniformes; pelo contrário, as plantas que absorvem sempre alimento suficiente e equilibrado resistem e permanecem jovens e verdes.

Mas plantada na Babilónia, a hera não suportou a deslocação e sucumbiu; esta nobre planta fez bem porque, sendo vizinha e companheira do deus da Beócia, não quis expatriar-se para junto dos bárbaros nem imitou Alexandre, expatriado entre aqueles povos, mas com todas as forças evitou e lutou contra este desterro.

²⁴ Fr. 77 e 78 D-K.

A causa não era o calor, mas antes o frio, que não suportava a temperatura contrária. De facto, o que é afim não destrói, mas acolhe e alimenta, tal como a terra seca alimenta o tomilho, apesar de ser quente. Dizem que a Babilónia é envolta por um ar de tal modo sufocante e pesado que muitos dos ricos enchem odres de água e dormem frescos sobre eles.

QUESTÃO 3

Por que razão as mulheres se embriagam menos e os velhos mais rapidamente.

Intervenientes: Floro e Sila

Floro admirava-se que Aristóteles, depois de ter escrito no seu livro “Acerca da embriaguez”²⁵ que os velhos são mais facilmente surpreendidos pela embriaguez do que as mulheres, não tenha procurado a causa, ele que tinha por hábito não omitir nada destas coisas; propôs, então, aos presentes – tratava-se, certamente, de um jantar de amigos - que se discutisse a questão entre todos. Assim, Sila disse que um facto iluminava o outro; se encontrássemos a causa correcta para as mulheres, já não seria preciso muito mais discussão para os velhos; as suas naturezas são as mais opostas em humidade e secura, doçura e aspereza, ternura e dureza. “O que digo em primeiro lugar - continuou ele – acerca das mulheres é que têm uma compleição húmida que, misturada

²⁵ Fr. 108 Rose. Segundo Rose (fr. 107), Aristóteles atribuía a facilidade com que os anciãos se embriagavam à escassez de calor no corpo.

nelas, proporciona-lhes a delicadeza da carne, o brilho da suavidade e a menstruação. Ora o vinho, quando cai em tanta humidade, é vencido, perde força e torna-se completamente inconsistente e aguado. Há também uma coisa que se pode tomar em consideração na obra do próprio Aristóteles: diz ele que os que bebem tudo de uma vez sem respirar, que os antigos chamavam ‘beber de um trago’, mais dificilmente ficam embriagados; porque o vinho não fica retido no seu organismo, antes, arrastado pela impetuosidade, passa pelo corpo. E nós vemos que é assim que as mulheres, normalmente, bebem. É natural que, devido ao corrimento constante de fluidos menstruais para o baixo-ventre, o corpo delas seja muito poroso e atravessado como que por canais e condutas, onde o vinho se introduz e rapidamente se espalha, sem se deter nos órgãos principais, cuja perturbação leva à embriaguez.

Quanto aos velhos, o nome parece-me ser o primeiro a explicar porque têm falta de humidade no corpo. Com efeito, eles são assim chamados não porque se inclinam para a terra [*rheontes eis gen*], mas por serem ‘semelhantes à terra’ [*geodeis*] ou ‘terrenos’ [*geeroi*] de constituição;²⁶ e a sua rigidez, a sua dureza e, ainda, a sua rugosidade mostram a secura da sua compleição. Assim, quando bebem, é natural que o vinho seja absorvido, porque o seu corpo devido à secura é esponjoso, logo, o vinho que aí fica retido provoca mal-estar e sensação de peso; pois tal como as águas correntes deslizam

²⁶ Plutarco tenta justificar a constituição física dos idosos através da relação etimológica entre o termo *geron*, que significa velho e *ge*, que significa terra, porém, esta explicação é incorrecta.

sobre solos compactos sem fazerem lama, e misturam-se mais nos porosos, assim também o vinho, atraído pela secura, permanece mais tempo no corpo dos velhos. Além disso, pode ver-se que a natureza dos velhos tem em si própria os sintomas da embriaguez; pois são sintomas claros de embriaguez os membros trémulos, a língua entaramelada, o excesso de tagarelice, as cóleras repentinas, os esquecimentos e os extravios da mente. Se muitos destes se encontram também nos velhos de boa saúde, apenas precisam de um pouco de impulso e agitação para se produzirem; desse modo a embriaguez num velho supõe não o aparecimento de sintomas peculiares, mas apenas a intensificação dos habituais; prova disso é o facto de não haver nada mais parecido com um velho do que um jovem embriagado”.

QUESTÃO 4

Se as mulheres em temperamento são mais quentes ou mais frias que os homens.

Intervenientes: Apolónides, Atriito, Floro.

F 1. Efectivamente, foi isto que Sila disse. E o estrategista Apolónides disse que aprovava o argumento acerca dos velhos; mas quanto às mulheres pareceu-lhe que se deixou de fora o argumento da sua frieza, por causa da qual o vinho quente se dissipa e perde a sua contun-
651A dência e fogueira. Apesar desta observação parecer convincente, Atriito, o médico tásio, acrescentou uma achega à discussão e disse que existem alguns que defendem não serem as mulheres frias, mas até mais quentes

do que os homens, enquanto outros consideram que o vinho não é quente, mas, inclusivamente, frio.

2. E como Floro ficasse admirado, Atriito disse, apontando para mim: “Deixo-lhe a ele a explicação sobre o vinho”. E, de facto, aconteceu termos falado do assunto uns dias antes. E continuou: “Eles julgam demonstrar o calor das mulheres – continuou ele -, em primeiro lugar, pela falta de pêlo, pois que pelo calor se consomem os resíduos alimentares que, quando abundam, se transformam em pêlo; em segundo lugar, pela quantidade de sangue, que parece ser fonte do calor que há no corpo e que existe nas mulheres em quantidade tal que elas se queimariam e abrasariam se não lhes sobreviessem frequentes e rápidas purgações; em terceiro lugar, as práticas fúnebres demonstram que as mulheres são mais quentes do que os homens: diz-se que os que zelam por tais costumes dispõem ao lado de cada dez cadáveres de homens um de mulher e ateiam-lhe fogo, porque a sua carne possui algo resinoso e seboso, de modo que se torna um comburente para os outros. E ainda, se o que é mais quente é mais fecundo e as raparigas se excitam e se agitam primeiro do que os rapazes para procriar, também esta não seria fraca demonstração do seu calor. Mas um argumento ainda mais importante e mais convincente é aguentarem bem os frios e os Invernos: a maioria delas sente menos frio do que os homens e, geralmente, precisam de pouca roupa”.

3. “Eu creio no entanto – disse Floro – que com esses mesmos argumentos se rebate a tua opinião. Em primeiro lugar, as mulheres resistem melhor ao frio porque

frequentemente o semelhante é mais dificilmente afectado pelo semelhante. Em segundo lugar, parece que o seu sémen não é de modo algum fecundo para procriar - exactamente por causa da sua frialdade e apenas fornece matéria e alimento ao sémen masculino. Em seguida, deixam de gerar muito antes dos homens deixarem de fecundar. Ardem melhor por causa da gordura, substância que parece ser a mais fria do seu corpo; pelo menos os jovens e os que fazem exercício físico são menos gordos. A menstruação mensal não se deve à abundância de sangue, mas sim à sua corrupção e envilecimento; a matéria não assimilada e residual, ao não encontrar no seu corpo estabilidade nem consistência, é evacuada por falta de vitalidade, tornando-se completamente débil e turva devido à escassez do calor. E o tiritar de frio durante a menstruação mostra também que o que é posto em movimento e expulso do corpo é frio e não foi assimilado. Relativamente à ausência de penugem, quem poderá dizer que é consequência do calor e não antes do frio, ao ver que as partes quentes do corpo são peludas? Precisamente, todas estas são afectadas pelo calor, que ofende e fende a pele, cuja macieza provém do facto de se tornar compacta com o frio. E que a sua pele é mais compacta do que a dos homens, dir-te-ão, meu caro Atriito, aqueles que ainda dormem com mulheres cobertas de perfume e óleo,²⁷ pois eles próprios, ao dormirem com elas, mesmo sem lhes tocarem e sem se aproximarem delas, impregnam-se da fragrância que é atraída pelo calor e pela menor densidade do seu corpo”.

²⁷ Aristófanis, *Nuvens* 49, parodia este costume feminino da unção com essências aromáticas.

QUESTÃO 5

Se o vinho em acção é mais frio.

F

Intervenientes: Atriito, Plutarco, Floro.

1. “Não há mais a dizer - continuou ele - relativamente às mulheres e foi virilmente demonstrado também o ponto de vista contrário. Já, quanto ao vinho, estou ansioso por saber donde vos surgiu a ideia de que é frio”.

- Pensas, de facto, que essa é uma ideia minha? – disse eu.

- De quem mais? - perguntou ele.

652A

-Recordo-me, justamente - respondi eu - de ter encontrado também em Aristóteles uma explicação para este problema, não há pouco, mas já há algum tempo. Mesmo Epicuro, no seu *Banquete*, apresentou várias explicações, de que a principal, segundo me parece, é a seguinte: afirma que o vinho não é totalmente quente, mas que há nele alguns átomos produtores de calor e outros de frio.²⁸ Alguns deles, perde-os quando penetra no corpo e toma outros do próprio corpo quando se mistura em nós, de acordo com o nosso temperamento e natureza, de tal modo que, ao embriagarem-se, uns aquecem muito e outros sofrem o efeito contrário.

B

2. – Tais afirmações - disse Floro - levam-nos directamente a Pirro através de Protágoras;²⁹ pois é evidente que quando falarmos também acerca do azeite,

²⁸ Fr. 68-73 Usener.

²⁹ O cepticismo de Pirro pode ser traçado a partir de Protágoras e outros sofistas. Sobre o cepticismo pirrónico cf. Diógenes Laércio, IX 104 ss. e sobre o relativismo de Protágoras cf. Platão, *Crátilo* 385e-f.

do leite, do mel e de outros produtos similares, evitaremos discutir qual a natureza de cada um em particular, afirmando que cada uma resulta da mescla ou da combinação de uns com os outros. Mas tu, como vais provar que o vinho é frio?

- Do mesmo modo, - retorqui-lhe eu -, como demonstrei antes, quando fui obrigado a fazê-lo de improviso. Em primeiro lugar, veio-me à cabeça o procedimento dos médicos: aos que estão enfraquecidos e necessitam de algum tónico para as doenças do estômago não lhes dão nada quente, mas socorrem-nos dando-lhes vinho. E é também com vinho que detêm os fluxos e os suores abundantes, porque, de forma não menos eficaz que a neve, mas até mais, ele restabelece e robustece o organismo afectado através da sua capacidade para refrescar e contrair. Porém, se este tivesse a natureza e a capacidade de aquecer, administrar vinho puro a um cardíaco seria a mesma coisa que colocar fogo na neve. Em segundo lugar, a maior parte das pessoas diz que o sono se produz através de um arrefecimento e, na verdade, a maioria das drogas soporíferas, como a mandrágora e o ópio são refrescantes; mas a sua acção bloqueadora e entorpecedora é abrupta e muito forte, enquanto o vinho, ao refrescar lentamente, detém e estagna o movimento com prazer, sendo a diferença entre o vinho e as drogas uma questão de mais ou menos potência.

D E, por fim, o calor é procriador,³⁰ pois, sob a sua acção, o fluido mantém um fluxo abundante e o espírito uma tensão e uma pujança libidinosa. Mas os que

³⁰ Aristóteles, *Da geração dos animais* II 3 11f.

bebem muito vinho puro são mais frouxos nos encontros sexuais e não têm ejaculação de modo algum vigorosa nem eficaz para a procriação; pelo contrário, as suas uniões com as mulheres são ineficazes e deficientes devido à inconsistência e frieza do esperma. E, em boa verdade, tudo quanto padecem os homens por causa do frio tudo afecta os que se embriagam: tremuras, pesadume, palidez, agitação do sopro vital nos membros, embaraço da língua, pressão e intumescência dos nervos nas extremidades; para a maioria das pessoas a embriaguez termina em desfalecimento, quando o vinho puro abate e extingue por completo o calor. Ora estes estragos no corpo daqueles que se embriagaram e se sentem toldados curam-se, segundo parece, pondo-os imediatamente na cama e cobrindo-os de roupa para que aqueçam, e no dia seguinte com um banho, massagens e com aqueles alimentos que sem perturbar o organismo, simultaneamente, o façam recuperar o calor que o vinho tinha dissipado e expulsado do corpo.

Do mesmo modo, – continuei eu – procuramos descobrir nos fenómenos propriedades e semelhanças desconhecidas. E é preciso que ninguém fique com dúvidas acerca de que espécie é a embriaguez; pois, segundo parece^{***31}, os alcoólicos, como dissemos, são muito parecidos com os velhos. E por isso, os amigos do vinho envelhecem muito mais cedo; muitos deles ficam com calvícies prematuras e cabelos grisalhos ainda na flor da idade; e parece que tudo isso acontece no homem devido à insuficiência de calor. Além do mais, certamente,

³¹ Lacuna de extensão desconhecida, observada por Hubert.

o vinagre possui a natureza e as capacidades de uma espécie de vinho; e nenhuma das coisas que extinguem o fogo o combate melhor do que o vinagre, mas de todos é sobretudo ele que melhor domina e reduz a chama devido à sua extrema frieza. Mesmo entre os outros frutos vemos os médicos usarem mais, por serem refrescantes, os que possuem características do vinho, como as romãs e as maçãs. E não há quem faça vinho misturando a própria natureza do mel com água da chuva e com neve, porque o frio, quando prevalece, destrói o sabor doce por causa da sua familiaridade com o acre? E não foi por causa disso que os antigos dedicaram e consagraram a serpente entre os répteis e a hera entre as plantas ao deus do vinho, por ser senhor de uma força fria e glacial. E se as pessoas pensam que é um sinal de calor o facto de a ingestão de uma grande quantidade de vinho puro parecer neutralizar os efeitos da cicuta, eu direi, ao invés, que esta droga misturada com vinho é incurável e mata, no momento, os que a ingerem; de modo que não parece que ele seja mais quente por opor-se a ela ou mais frio por cooperar com ela, se, de facto, é mais convincente que a cicuta mata os que a ingerem com a sua frieza e não com qualquer outra propriedade ou capacidade.

QUESTÃO 6

Sobre o momento mais conveniente para o coito.

Jovens intervenientes: Zópiro, Olímpico e Sóclaro.

Alguns jovens que frequentavam ainda não há muito tempo os escritos dos antigos atacavam Epicuro

por ter introduzido no *Banquete* um discurso nem belo nem necessário acerca do momento mais conveniente para o coito;³² pois um homem mais velho falar durante o jantar sobre os prazeres sexuais na presença de adolescentes e questionar se se devem praticar antes ou depois da refeição é de uma extrema impudência. Como contrapartida, alguns evocaram Xenofonte que, depois da refeição, mandava embora os seus convidados não a pé, mas a cavalo, para se encontrarem com as suas mulheres.³³ Zópiro, o médico, que estava bastante familiarizado com os escritos de Epicuro, disse que esses jovens não tinham lido com atenção o *Banquete* do filósofo; pois o problema não foi introduzido com base num princípio ou pressuposto para depois se discorrer acerca dele, mas o filósofo levou os discípulos a passear depois do jantar para conversar com eles acerca de instrução moral e preveni-los contra as paixões, pois, sendo uma coisa sempre propensa ao dano, é muito pior para os que dela se servem depois de se terem entregado à comida e à bebida. E continuou dizendo: “Mas ainda que ele tivesse abordado este assunto como se de um tema fundamental se tratasse, por acaso, não é de modo algum vantajoso que o filósofo reflecta acerca do momento e da hora oportuna para os encontros sexuais ou é melhor que se ocupe de tais temas na ocasião própria e com juízo, não sendo indecoroso reflectir sobre esse momento noutra altura, mas vergonhoso num banquete e à volta da mesa? A mim, pelo contrário, desde já me parece que

³² Fr. 61Usener.

³³ *Banquete* IX 7.

se alguém deve ser repreendido é o filósofo que aborda o assunto em pleno dia, na sua aula, quando estão presentes muitos homens de todas as proveniências; porém, com um copo na mão entre amigos e familiares, onde inclusivamente dá jeito, no meio do vinho, contar uma história mesmo que seja insípida e fria, como pode ser vergonhoso contar e ouvir algo útil que se diga sobre a prática do coito? Pois, para mim, pelo Cão! - exclamou ele -, teria preferido que Zenão tivesse arrumado as suas 'aberturas de pernas'³⁴ no contexto divertido de algum banquete em vez de o fazer numa obra que encerra tanta seriedade como a *República*".

2. Atónitos com estas palavras, os jovens permaneciam em silêncio; então, por os demais terem pedido a Zópiro que expusesse as ideias de Epicuro sobre esta matéria, este respondeu-lhes que não se lembrava exactamente de cada pormenor, mas tinha a sensação de que o filósofo receava os esticões provocados pelas relações sexuais, por causa da palpitação dos corpos que, neste tipo de actividade, passam a um estado de rebuliço e desordem. Pois, geralmente, o vinho puro que é perturbador e causador de turbulência, retira os corpos da sua estabilidade; e assim, se a tranquilidade e o sono não tomarem conta do nosso corpo quando estamos neste estado, mas nos deixarmos tomar por outras agitações sexuais, ao serem oprimidas e deslocadas as forças que naturalmente dão maior coesão e solidez ao corpo, corre-se o risco de ele sofrer uma derrocada, como uma casa arrancada das suas fundações. E, nessa altura, nem

³⁴ Fr. 252 von Arnim.

o sémen flúi como deve ser, porque, devido à saturação, produz-se uma obstrução, mas solta-se com esforço e desordenado. Por conseguinte, o nosso homem declarou que se deve realizar este tipo de actividade quando o corpo tiver recuperado a calma e tiverem cessado a distribuição e a circulação da comida que o atravessa e o abandona, antes que novamente reclame por falta de alimento. A esta explicação de Epicuro pode-se acrescentar também a opinião do médico: o momento do dia mais seguro é depois da digestão estar concluída; e correr para o coito depois da refeição pode ser perigoso. Pode ser terrível de facto se, não tendo a comida sido digerida, uma indigestão pode decorrer do rebuliço e da agitação das relações sexuais, de modo que o dano seria duplo.

B

3. Olímpico tomou a palavra e disse: “a mim agrada-me muito a opinião do pitagórico Clínius: conta-se que questionado acerca do melhor momento para nos chegarmos a uma mulher, respondeu «de preferência quando tiveres vontade de sofrer».³⁵ Logo, o que Zópiro acaba de dizer tem a sua lógica, mas vejo que outro momento qualquer trará outros inconvenientes e dificuldades ao acto. Por exemplo, o sábio Tales, quando foi pressionado pelos rogos da mãe para que casasse, evitou muito bem as suas instâncias e esquivou-se dizendo-lhe no início “ainda não é o momento, mãe”, e mais tarde “já não é o momento, mãe”.³⁶ Assim, e relativamente aos prazeres sexuais, o melhor será que cada um se

C

³⁵ Diógenes Laércio, VIII 9, coloca esta sentença na boca de Pitágoras.

³⁶ Diógenes Laércio, I 26.

comporte de maneira que ao deitar diga “ainda não é o momento” e ao levantar “já não é o momento”.

4. “Isso são coisas de atletas,³⁷ ó Olímpico - disse Sóclaro - que ainda cheiram por todos os lados ao jogo do cótabo e às carnes que consomem, mas não são oportunas aqui. Entre nós há jovens casados que devem «consumar actos amorosos»³⁸ e a nós ainda não abandonou totalmente Afrodite, mas, por certo, imploramos o seu favor quando clamamos nos hinos aos deuses

D Adia, adia a nossa velhice,
 ó bela Afrodite.³⁹

Devemos, pois, examinar, se quiseres, se foi justa e convenientemente ou contra toda a justiça que Epicuro separou Afrodite da noite – que tem o maior poder entre os deuses, segundo Menandro, um homem versado no amor: a meu ver, de forma graciosa, aconselha ele que pratiquem tais coisas, estendendo as trevas como véu do prazer, e que não afastem dos nossos olhos o pudor, expondo-o à luz do dia nem infundam na licenciosidade audácia e vívidas recordações, pois o concentrar-se nelas inflama novamente as paixões. «A visão é a mais acutilante das sensações que nos chegam através do corpo», e, segundo Platão,⁴⁰ através de impressões recentes, desperta fortemente na alma, com imagens de prazer, uma paixão sempre nova e fresca. Todavia, a noite, ao

E

³⁷ Estes deviam abster-se de relações sexuais.

³⁸ Homero, *Odisseia* XI 246.

³⁹ Fr. 872 Page. Fragmento atribuído a Álcman.

⁴⁰ *Fedro* 250d.

esconder os actos mais insaciáveis e apaixonados, distrai e adormece o instinto natural, que não encalha, por causa da visão, na luxúria.

E à parte estas considerações, que sentido faz que um homem que chegou radiante de um jantar, se tal acontecer, trazendo uma coroa e o corpo perfumado, se deite depois de se ter agasalhado bem, voltando as costas à mulher, e depois, de dia, no meio das ocupações, a faça vir do gineceu para tal acção ou se envolva com ela logo de manhã, como um galo? A noite, meu caro amigo, marca o fim dos trabalhos, a aurora o seu início. Pela primeira velam, Diónisos Libertador, juntamente com Terpsícore e Tália,⁴¹ a segunda levanta-nos para a laboriosa Atena e para o comerciante Hermes.⁴² Por isso, cantos ocupam a noite, danças e himeneus

F

cortejos e festins e o estrondoso concerto das flautas.⁴³

A manhã, pelo contrário, enchem-na o estrépito dos martelos e os gemidos das serras, os pregões matinais dos publicanos e os apelos dos que convocam para o tribunal ou para o serviço de alguns reis ou magistrados. Nessa altura, vão-se as actividades do prazer,

655A

cessa Cípris e os folguedos dos jovens
 não está já o tirso nem o tropel de Baco.⁴⁴

⁴¹ Terpsícore é a musa da dança e Tália da comédia.

⁴² Hermes é o patrono dos comerciantes.

⁴³ Fr. 222 Pfeiffer.

⁴⁴ Adesp. Fr. 397 Nauck².

Pois apertam as preocupações. Depois também o poeta não deita durante o dia nenhum dos seus heróis com a esposa nem com a concubina, salvo quando fez Páris esconder-se no regaço da sua amada, depois de ter fugido da batalha, como se a intemperança diurna não fosse própria de um marido, mas de um adúltero enraivecido.⁴⁵ Por outro lado, o corpo não seria mais prejudicado pelo coito depois de jantar, como crê Epicuro, desde que, claro, não se tenha relações sexuais embriagado ou empanturrado, a rebentar de comida. Nesse caso é, seguramente, uma acção perigosa e funesta. Mas se um homem se sentir satisfeito e moderadamente relaxado, estando o seu corpo sereno e a sua alma preparada, e pouco tempo depois tiver um encontro amoroso, não provocará grande distúrbio no seu corpo^{***46} nem se produzirão excitações ou desestabilização dos átomos, como diz Epicuro; mas, depois de ter satisfeito a sua natureza e de se ter serenado a si mesmo, restaurará as perdas, pois um novo afluxo virá ocupar as partes vazias.

O que merece maior precaução é o entregar-se aos prazeres do amor estando a meio dos trabalhos; não suceda que as preocupações da alma, as dificuldades e as fadigas relacionadas com o emprego se apoderem do corpo já excitado e agitado, e o exasperem abruptamente, por não ter sido concedido à natureza um intervalo de tempo suficiente para se recompor. De facto, caro amigo, nem todos dispõem do ócio e do sossego de

⁴⁵ Homero, *Iliada* III 428-447.

⁴⁶ Adoptamos a sugestão de Usener, que propõe para esta lacuna o termo *sphyxis* (excitação) em vez de *psyxis* (esfriamento) apresentado pelo manuscrito.

Epicuro, que lhe foi sempre copiosamente concedido pela razão e pela filosofia; pois muitos combates aguardam cada um de nós ao longo do dia, exercícios para todos, por assim dizer, aos quais não é conveniente nem vantajoso apresentar o corpo em tal estado, quebrado pela fúria do coito. Pode o que é ‘feliz e incorruptível’⁴⁷ não se preocupar por si próprio com o que nos diz respeito, mas nós, em obediência à lei da nossa cidade, temos de evitar entrar numa festa sagrada e dar início aos sacrifícios, se pouco tempo antes estivemos envolvidos numa actividade sexual. Daí que é bom para nós termos pelo meio a noite e o sono, deixando um intervalo e um período de tempo suficiente para nos levantarmos novamente puros como no princípio, «com novas ideias para o dia», como diz Demócrito”.⁴⁸

D

QUESTÃO 7

A razão pela qual o mosto embriaga menos.

Intervenientes: pai de Plutarco; Hagias, Aristéneto, Plutarco e outros.

Em Atenas, consagravam o vinho novo no décimo primeiro dia do mês de Antestério,⁴⁹ dia a que davam o nome de ‘Pithoigia’.⁵⁰ E antigamente, ao que parece, faziam uma libação com o vinho antes de

E

⁴⁷ Conceção epicurista da divindade.

⁴⁸ Fr. B158 D-K.

⁴⁹ Mês ateniense correspondente a finais de Fevereiro e princípio de Março.

⁵⁰ O termo significa à letra “abertura das talhas”.

bebê-lo e suplicavam que o uso deste ‘remédio’ lhes fosse inofensivo e salutar. Mas entre nós,⁵¹ este mês é designado de Prostatério,⁵² e no seu sexto dia há o costume, depois de sacrificarmos ao Bom Génio,⁵³ de se provar o vinho, após a passagem do Zéfiro; pois, dos ventos, este é o que mais afecta e altera a qualidade do vinho; e o que escapa à sua acção parece que se aguenta incólume. Pois bem, certo dia, o meu pai, como era seu costume, cumpriu o sacrifício e, depois do jantar, enquanto se elogiava o seu vinho, propôs aos jovens

F que estudavam filosofia comigo que explicassem a razão pela qual o mosto é menos embriagante. A maior parte achou isso incrível e até paradoxal; Hagias porém referiu que tudo o que é muito doce provoca repugnância e é enjoativo. Por isso, também o vinho doce não é algo que se beba facilmente em quantidade suficiente para provocar embriaguez, pois, uma vez satisfeita a sede, o nosso apetite rejeita-o ao ponto de sentir fastio. E que o agradável difere do doce, também o Poeta o sabe dizer

656A com queijo, doce mel e o agradável vinho.⁵⁴

É que o vinho no princípio é doce, mas torna-se agradável quando, envelhecido pela fermentação, ganha um sabor acre.

⁵¹ Plutarco era natural da Beócia.

⁵² O nome do mês alude a divindades protectoras, como Ártemis (cf. Ésquilo, *Sete contra Tebas* 449) ou Apolo (Sófocles, *Electra* 637).

⁵³ Divindade ctónica, guardiã do lar.

⁵⁴ Homero, *Odisseia* XX 69.

2. Aristéneto de Niceia disse recordar-se de ter lido nalguns livros que algo doce misturado com o vinho normal corta a embriaguez; e acrescentou que alguns médicos recomendam àqueles que tiverem bebido em excesso que vomitem, e depois, quando estiverem para se deitar, que comam pão embebido em mel. Portanto, se as substâncias doces atenuam o efeito do vinho, é natural que o vinho novo não embriague antes que se altere a sua doçura.

3. Pois bem, acolhemos muito favoravelmente a habilidade inventiva dos jovens, porque sem caírem nas explicações comuns, apresentaram as suas. Quanto às que estão mais à mão e são mais fáceis de aceitar são o peso do mosto que, de acordo com Aristóteles,⁵⁵ penetra no estômago, e a grande quantidade de ar e água que tem misturadas; destes dois, o ar é imediatamente pressionado e sai fora, a água, pela sua natureza, torna o vinho mais fraco; mas o envelhecimento aumenta a sua força, à medida que desaparece a aquosidade; o vinho torna-se mais fraco em volume, mas mais forte em potência.

B

QUESTÃO 8

A razão pela qual os fortemente embriagados ficam menos alterados do que os ditos "tocados"

Intervenientes: Plutarco e seu pai.

1. "Agora, que temos deixado Aristóteles de parte - disse o meu pai - procuremos também nós dizer

C

⁵⁵ Fr. 220 Rose.

algo pessoal acerca dos chamados ‘tocado’? Na verdade, não me parece que o filósofo, ainda que muito perspicaz neste género de questões, tenha aprofundado suficientemente a causa. Ele diz, creio eu, que a razão do homem sóbrio distingue bem as coisas, que a percepção do homem demasiado embriagado se esvai debilitada e que a imaginação do ‘tocado’ ainda se mantém vigorosa mas o seu raciocínio já está alterado. Por isso ele discerne, só que discerne mal porque segue fantasias. Qual é, pois – perguntou ele –, o vosso parecer acerca disto?”

2. “No que me respeita – respondi-lhe eu - quando examinei por mim próprio a passagem de Aristóteles, contentei-me com a sua explicação para a causa; mas se me pedes que apresente algo pessoal, considera em primeiro lugar se a mencionada diferença não deve ser transferida para o âmbito do corpo. De facto, nos ‘tocado’ só a mente é perturbada, pois o seu corpo, antes que fique encharcado em álcool, é capaz de obedecer aos seus impulsos; mas quando está derrubado e esgotado, rejeita e ignora os seus impulsos, pois já não consegue passar à acção. Por outro lado, os ‘tocado’, por terem o corpo propenso ao erro, são acusados não de serem mais desatinados mas de terem mais força. Se, porém, examinarmos a força do vinho de outra perspectiva – continuei eu – não há nada que o impeça de ter uma multiplicidade de efeitos que variam consoante a quantidade ingerida: assim como o fogo em relação à argila, se é usado com moderação, endurece-a e seca-a, mas se a atingir

em excesso, derrete-a e desfá-la. Por outro lado, a primeira estação do ano,⁵⁶ no início, provoca as febres e torna-as ardentes, mas, à medida que avança, as febres descem e cessam. O que impede, pois, que também a mente, naturalmente alterada pelo vinho, depois de ter sido perturbada e excitada, sossegue e de novo se acalme, se o vinho for excessivo? Pelo menos, o eléboro⁵⁷ tem como princípio da sua acção purgativa o transtornar a massa do corpo; porém, se a dose for inferior à normal, perturba mas não purifica. E algumas pessoas, se tomarem uma quantidade de soporíferos abaixo da normal, ficam mais agitadas e, se tomarem a mais, dormem. E certamente, é também natural que esta agitação no ‘tocado’ desapareça quando atinge o seu auge, e que o vinho contribua para isso: pois ao penetrar em grande quantidade no corpo, queima e consome o desvario do espírito. Tal como o treno⁵⁸ e a flauta fúnebre no início apelam ao sentimento e suscitam o choro, mas, à medida que conduzem a alma à compaixão, paulatinamente, removem e consomem a sua aflição, do mesmo modo podes ver que também o vinho, quando perturba e excita fortemente a sua resistência e fogaosidade, aplacando e sossegando de novo a mente, tranquiliza-a por ter ido demasiado longe na embriaguez”.

F

657A

⁵⁶ Primavera.

⁵⁷ Planta usada no tratamento da loucura.

⁵⁸ Cântico de lamentação.

QUESTÃO 9

Sobre “beber cinco ou três, não quatro”

Intervenientes: Arístion, Plutarco e seu pai.

B 1. Ditas por mim tais palavras, Arístion disse, com voz alta, como era seu costume: “Está à vista o regresso aos banquetes da mais justa e democrática das medidas, banida há muito tempo por uma conjuntura abstémia, como por um tirano. Pois, tal como os teóricos das questões relativas à lira dizem que a proporção de três para dois dá um acorde de quinta, a de dois para um dá uma oitava, e o de quarta, que é o mais fraco, constitui-se na proporção de quatro para três, assim também os harmónicos em matéria de Diónisos observaram três acordes para a mistura do vinho com a água, o de quinta, o de terceira e o de quarta, pois assim o dizem e cantam

C ou beber cinco ou três, não quatro.⁵⁹

Efectivamente, cinco, está na proporção de três para dois, pois misturam-se três partes de água com duas de vinho; três está na proporção de dois para um, misturando-se duas partes de água com uma de vinho; e quatro consiste em verter três porções de água numa de vinho, esta é a proporção de quatro para três, adequada a certos magistrados que têm o pensamento no Pritaneu ou a alguns dialécticos que franzem as sobrancelhas quando analisam os silogismos dos discursos, uma mistura sóbria e débil. Das outras duas,

⁵⁹ Adesp., fr. 604 Kock. Trata-se de um trímetro da comédia.

a de dois para um conduz a esse tom perturbador e alegre da embriaguez

que toca as cordas intocáveis do espírito,⁶⁰

D

pois nem deixa ficar sóbrio nem mergulha completamente o insensato no vinho puro. A proporção de dois para três é a mais musical: plena provocadora de sono e ‘tira-mágoas’ e, segundo a expressão de Hesíodo, «espanta males apaziguadora das crianças»,⁶¹ pois gera no mais fundo de nós a calma e tranquilidade nas nossas altivas e desordenadas paixões”.

2. Perante estas palavras, ninguém contradisse Arístion, pois era evidente que estava a brincar. Eu pedi-lhe, então, que pegasse num copo, como se de uma lira se tratasse, e o afinasse de acordo com a mistura e o acorde elogiados, e um escravo abeirou-se dele e apresentou-lhe o vinho puro. Ele, porém, recusou, alegando a rir-se que era um teórico da música e não um instrumentista. Então, o meu pai apenas acrescentou ao que tinha sido dito que lhe parecia que os antigos deram duas amas a Zeus, Ida e Adrasteia; uma a Hera, Eubeia; e, claro, também duas a Apolo, Alícia e Coritália. Mas a Diônios deram muitas mais, porque era preciso tornar este deus mais civilizado e ajuizado, por isso foi amansado e educado entre um número maior de ninfas.⁶²

E

⁶⁰ Adesp., fr. 361Nauck²

⁶¹ *Trabalhos e Dias* 464.

⁶² O termo Ninfas, em grego, utiliza-se como sinónimo de água.

QUESTÃO 10

Por que motivo a carne apodrece mais ao luar do que ao sol

Intervenientes: Eutidemo, Sátiro, Mosquión e Plutarco

1. Eutidemo de Súnion, durante um jantar que nos oferecia, serviu-nos um javali de grande tamanho. E perante o espanto dos presentes, ele informou que outro muito maior, quando era transportado, tinha sido destruído pelo luar e que naturalmente andava perplexo sobre a causa do sucedido; pois não é verosímil que o sol não apodrecesse mais a carne, sendo mais quente do que a lua. Então, Sátiro acrescentou: “Não é isso o que mais surpreenderia uma pessoa, mas antes o que é feito pelos caçadores: de cada vez que abatem um javali ou um cervo e de longe o enviam para a cidade, espetam-lhes um prego em bronze como ajuda contra a putrefacção.”

2. Quando acabámos de jantar e Eutidemo mencionou novamente a sua perplexidade, Mosquión, que é médico, explicou que a putrefacção se devia à decomposição e liquefacção da carne que se transforma em líquido pela corrupção e que, geralmente, as coisas apodrecidas se transformam em líquido. Todo o calor, se for suave e moderado, remove e impede a humidade, mas se for abrasador, pelo contrário, faz mirrar a carne. A partir destes pressupostos a explicação torna-se clara: a lua, como aquece lentamente, amolece os corpos; o sol, em contrapartida, suga mais a humidade dos corpos por causa do seu ardor. Por isso, também Arquíloco referiu, de acordo com a natureza:

Espero, muitos destes Sírio secará
com seu penetrante brilho.⁶³

Mas ainda mais explícito foi Homero acerca de Heitor, sobre quem, quando jazia morto, Apolo fez vir uma nuvem sombria,

...para que antes a força do sol
não lhe mirasse a carne nos músculos e nos membros.⁶⁴

Por sua vez, a lua, projecta uns raios mais débeis:

pois o negro racimo não amadurece com eles

C

de acordo com Ion.⁶⁵

3. Dito isto, eu afirmei: “Tudo isso está bem dito; mas não se deve explicar todo o processo por uma maior ou menor quantidade de calor, já que vemos que o sol é menos quente no Inverno, mas é no Verão que apodrece mais os cadáveres; e devia ser ao contrário, se as putrefacções fossem causadas pela debilidade do calor. Mas, quanto mais intenso for o calor, mais rápido apodrece a carne. Por conseguinte, não é por ausência ou escassez de calor que a lua leva à putrefacção dos corpos mortos, mas a causa deve antes atribuir-se a uma particularidade do fluxo que dela emana; pois torna-se evidente, a

D

⁶³ Fr. 61 Bergk. Sírio alude ao sol de Verão.

⁶⁴ Homero, *Iliada* XXIII 190-191.

⁶⁵ Fr. 57 Nauck². Ión de Quíos foi um homem muito rico e multifacetado, mas destacou-se pelas suas tragédias.

partir das coisas mais comuns, que todo o calor não tem apenas uma única qualidade e não difere apenas em mais ou menos grau, mas são variadas as potencialidades do fogo, que em nada se parecem umas com as outras. Efectivamente, os ourives trabalham o ouro com chama de palha; os médicos, principalmente com a de sarmento, aquecem gradualmente as decocções dos fármacos; para o amolecimento e moldagem do vidro, a de tamariz parece ser adequada; e a de oliveira é boa para os corpos nos banhos de vapor, porém é inimiga dos balneários, pois ao arder por baixo danifica o seu tabuado e as suas fundações. Daí que os prudentes edis não permitam aos arrendatários usar madeira de oliveira, nem tão-pouco lançar joio no forno, pois as suas exalações provocam dores de cabeça e vertigens nos banhistas. Assim, pois, não é nada estranho que também a lua seja diferente do sol, este emite raios que desidratam e ela raios que libertam e removem os líquidos que existem nos corpos. Por isso, as mães têm o cuidado de nunca expor os bebés à lua; porque, estando cheios de líquidos, encolhem-se e retorcem-se como lenha verde. Vemos, efectivamente, que quem se deita sob o clarão da lua tem dificuldade em se levantar, como se estivesse com os sentidos atordoados e entumecidos; pois a humidade difundida pela lua torna os corpos pesados. Também se diz que contribui para um parto feliz, quando este acontece na lua cheia, pois remove as humidades, tornando as dores de parto mais suaves. Por isso, creio que se chamou a Ártemis - que

não é outra senão a lua – Loquia⁶⁶ e Elítia⁶⁷. E Timóteo 659A
abertamente diz:

pela cerúlea órbita dos astros
e pela lua que apressa os partos.⁶⁸

E também nos corpos inanimados se torna evidente o poder da lua. Os carpinteiros recusam a madeira cortada nos plenilúnios por ser tenra e por abolorecer rapidamente devido à humidade, e os lavradores apressam-se, quando o mês acaba, a recolher os trigos da eira, para que endurecidos pela seca durem mais tempo; já os que são recolhidos durante a lua cheia estragam-se mais por causa da humidade e ficam moles. Dizem também que a farinha fermenta melhor nos plenilúnios; pois à fermentação pouco falta para ser putrefacção; e se ultrapassar o tempo certo, deixa a massa mais porosa e menos consistente, levando-a à mesma degradação. As próprias carnes em decomposição não experimentam nada diferente, quando o alento que as mantém se transforma em humidade, tornam-se menos densas e liquefazem-se. E observamos que o mesmo acontece com o ar; pois é sobretudo nos plenilúnios que, dissolvido, esparze o orvalho, tal como o sugeriu, creio eu, o lirista Álcman, ao dizer que o orvalho é filho do ar e da lua

B

o que alimenta Ersa, filha de Zeus e da divina Selene.⁶⁹

⁶⁶ Significa “parteira”.

⁶⁷ Etimologia incerta. Tanto pode significar “salvadora” como “bem-vinda”.

⁶⁸ Fr. 2 Bergk⁴. Timóteo é um poeta milésio.

⁶⁹ Fr. 57 Page.

C Assim, em todo o lado, se atesta o poder que tem a luz da lua para humedecer e amolecer.

O prego de bronze, se é verdade que atravessando-as, como dizem, mantém as carnes mais livres de putrefacção, é óbvio que tem em si algo de terapêutico e adstringente; pois os médicos usam o azebre nos fármacos para este fins, e conta-se que é benéfico para os olhos dos homens que passam a vida nas minas de cobre e faz renascer as pestanas dos que as perderam, pois a poeira que sai do cobre e que cai imperceptivelmente nas pálpebras retém os fluidos e seca as lágrimas. Por isso, dizem, chamou o poeta ao bronze «protector dos homens⁷⁰ e da vista».⁷¹ Também D Aristóteles⁷² refere que as feridas provocadas por lanças e espadas de bronze são menos dolorosas e mais fáceis de curar que as provocadas pelo ferro, devido a uma qualquer propriedade curativa que o bronze possui em si e que deposita imediatamente nas feridas. Ora, é evidente que o que é adstringente tem um poder oposto ao que apodrece e o que cura ao que corrompe; a não ser que alguém diga que o prego ao perfurar atrai a si os líquidos, uma vez que sempre se produz um fluxo em direcção à parte afectada. É por isso que também se diz que à volta dessa mesma zona se vê algo como uma mancha e uma nódoa negra, pois a partir do momento em que a infecção se concentra aí, tem lógica que o resto da carne se mantenha intacto.”

⁷⁰ Homero, *Odisseia* XIII 19.

⁷¹ Homero, *Iliada* II 578; *Odisseia* XXIV 467 e 500.

⁷² Pseudo-Aristóteles, *Problemas*, 863 a 25-31.